

O EXERCÍCIO EXPERIMENTAL DA TROPICÁLIA

Laura Beatriz Fonseca de ALMEIDA*

*Tudo se passa como se o velho homem estivesse a preparar-se para deixar, como precária borboleta, o casulo dentro do qual até aqui viveu no seu arcaico **habitat**, na sua velha cultura folclórica-mágica-idealista-capitalista-ocidental, e sair por aí, a debater-se, incerto e corajoso, num outro **habitat** cultural que ele mesmo vai formando, já agora por si mesmo, e que também o vai transformando de contradição em contradição.*

(Mário Pedrosa)

A imagem da borboleta, a um tempo frágil e intrépida, cujo vôo é a aventura do reconhecimento de um outro ambiente (do qual ela já é parte integrante, porque participou de suas transformações), traduz o movimento da arte em sua permanente sondagem das relações do homem no mundo. Essa é a imagem ideal para que iniciemos uma reflexão sobre as produções de caráter experimental da década de sessenta, ou para que possamos acompanhar um grupo de jovens artistas - os tropicalistas - que saiu por aí incomodando a época e construindo, de contradição em contradição, um outro novo **habitat** - a Tropicália.

* Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14.800-901 - Araraquara - SP.

Vivendo na adversidade de um momento histórico, numa sociedade em processo de redefinição político-social, o grupo se lançou em vãos experimentais por meio de diferentes linguagens: a das artes plásticas, a do cinema, a do teatro, a da música, a da literatura, e se mostrou sensível à linguagem de seu tempo, participando, assim, da construção de uma nova ambiência cultural. Ousando transformar conceitos e valores, os jovens artistas buscaram, nas soluções coletivas, uma “capitulação aberta” à objetividade imediata da realidade dos anos sessenta. (Pedrosa, 1975, p.85)

Como passageiros do mundo contemporâneo, os chamados tropicalistas circularam por uma outra ordem de idéias que se instalara na cultura brasileira daquele período. Conscientes de que para ser crítico àquela altura era preciso “estar bem vivo no meio das coisas, passar por elas e, de preferência, continuar passando”, o grupo seguiu vivendo, observando os desacertos do Brasil e, sem compor um estado da arte nacional, experimentou desconstruir o complexo quadro da modernização desenvolvimentista que aqui se instalara. (Torquato Neto, 1982, p.23)

Na contramão dos movimentos engajados, foram ao encontro do homem da **aldeia global**, sem cumprir um programa de rebeldia. No papel de cronistas dos fatos e dos acontecimentos, desafiaram a insólita realidade cultural, registrando os desarranjos, ou os descompassos de uma sociedade sob o impulso ininterrupto das transformações de uma cultura em meio a reformas estruturais. Transitando pela ebulição de idéias e de propostas de uma “liga de tudo que é jovem, ativo e moderno” que então se formara, esses cronistas resgataram o que se desperdiçava na ação daqueles que pretendiam ser os revolucionários da época. Desafiando o sentido de **mão única** dos grupos de esquerda e dos grupos de direita, os tropicalistas caminharam “sem lenço, sem documento” pela precariedade de uma cultura em processo de modernização e de redefinição da própria identidade.

Partilhando de uma nova ordem ou de um **fora da ordem nacional** - esses jovens transformam suas produções em acontecimentos. Sem propor programas, princípios e idéias comuns, experimentaram “sentar ao redor da mesa” para, então, “virá-la”, assumindo, assim, o pacto da “tropicaliança”, ou seja, de viver, sob o signo da indeterminação, a linguagem da Tropicália (Oiticica, 1981, p.43). Cada um, em seu espaço, desconcertou as expectativas da época, ao se exercitar no projeto de modernização que aqui se mostrava em

descompasso com a nossa tradição cultural. Inscrevendo sua linguagem à margem dos discursos construtores das vozes interpretantes do momento histórico, os jovens tropicalistas transitaram pelos veículos da mídia para atualizar o seu olhar de caminhante que, percorrendo a multidão dos fatos do cenário nacional, se mostrou atento às relações desse cenário com as notícias a circularem pelo mundo e cujos **estilhaços** caíam em Copacabana.

Assumindo um modo de ser e de estar na contemporaneidade, os experimentais ultrapassaram os limites sacralizados da arte e conviveram com a cultura de massa. Ao se lançarem à voracidade da mídia, desconstruíram seu próprio objeto, transformando sua linguagem em imagens a serem consumidas. Em tal ambiência, traçaram o espaço de uma nova sensibilidade, assumindo, como desafio, o exercício de uma experiência, em sintonia com um momento histórico, marcado por uma intensa movimentação não só em nível nacional, mas também mundial. No esquema de uma “nova objetividade”, esses jovens buscaram, por meio daquelas imagens, despertar o público para sensações e segredos já cristalizados por uma sensibilidade moderna que os esqueceram, ou por uma tradição que os renegara. Desafiando a “convi-conivência” das linguagens oficiais, os tropicalistas construíram um caminho singular (Oiticica, 1986, p.84-98).

À semelhança da arte Pop e da Op art, o grupo da Tropicália fez de sua linguagem a “cicatriz risonha” de uma geração. Descompromissados com a ordem do dia - a construção de uma cultura nacional, popular e revolucionária - os tropicalistas optaram por viver, com “olhos livres”, as questões nacionais que mobilizaram o país. Desconfiando da ação coletiva e didática da arte, ou seja, da linguagem da esquerda que, na época, tinha a ilusão de poder falar ao povo e restituir-lhe a consciência de si mesmo, esses jovens, nem revolucionários nem conseqüentes, construíram um outro sujeito histórico, cuja ação, apenas uma “sondagem precária”, foi a aventura de caminhantes que acreditaram encontrar na marginalidade, no movimento “contra o vento”, o impulso - o proibido proibir - de sua experimentação.

O Tropicalismo aconteceu entre 1967 e 1968, vale dizer, nesse período a crítica anunciou e classificou algumas manifestações na área da música, do cinema, do teatro, das artes plásticas e da literatura como exercícios tropicalistas. Uma vez rotulados, os produtores livres e experimentais, “primitivos de uma nova sensibilidade”, reagiram à fala do colunismo oficial de

maneira reticente e se deixaram lançar como moda - “um movimento pop autenticamente brasileiro”. (Torquato Neto, 1982, p.309-10)

A “cruzada tropicalista” oficialmente foi a público em princípio de 1968 por intermédio de um porta-voz temporário do movimento - o jornalista e compositor Nelson Motta - e proclamou um novo comportamento: “Assumir completamente tudo o que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido”. (Torquato Neto, 1982, p.309)

No movimento provisório da moda, na vivência efêmera do **aquí** e do **agora**, o Tropicalismo viveu a dialética dos trópicos. Refletindo a revolução cultural em curso no mundo, os tropicalistas construíram uma linguagem catalisadora das tendências expressivas que circularam nos anos sessenta. Como moda, o movimento determinou um novo comportamento, ao expor, como imagem, as desarmonias da cultura brasileira. A linguagem dos trópicos, vestida pelo público jovem e experimentada como representação de uma novidade veiculada pela mídia, desconcertou a coerência dos discursos contestadores da arte engajada. Ao grupo dos experimentais interessava brincar com os desarranjos de uma cultura, cuja tradição se firmara em valores que conviviam meio fora da ordem na realidade brasileira. Levar o público a consumir a própria indefinição cultural - a identidade dos trópicos - foi a demonstração, com seriedade, do “verdadeiro, grande tropicalismo”: a Tropicália.(Torquato Neto, 1982, p.310)

Foi essa experiência que levou os jovens a buscarem, pela fusão entre arte e comportamento, a criação de expressões livres e irreverentes que garantiriam ao coletivo afirmar-se pela ação particular de cada sujeito. No gesto subversivo, nas revoluções individuais, os tropicalistas se inscreveram na Vereda Tropical - encruzilhada de linguagem - a fim de celebrar, no coração Brasil, o mito da tropicalidade, ou melhor, para revelar a consciência do poder de construção de uma outra ambiência cultural. Desse modo, o sentido da Tropicália ultrapassa a do Tropicalismo, criado, num primeiro momento, em torno das manifestações musicais do grupo baiano, liderado por Caetano Veloso e Gilberto Gil.

A apresentação de **Alegria Alegria** e **Domingo no Parque** em outubro de 1967, no III Festival de Música Popular Brasileira (MPB) da TV

Record, foi o prenúncio, para a crítica da época, de uma linguagem que seria anunciada em 1968 como tropicalista. No entanto, a essência do movimento já se fizera sentir ao longo dos anos sessenta em alguns exercícios experimentais, como o demonstram as obras de Hélio Oiticica, as de Glauber Rocha, a atuação do Grupo Oficina, sob a direção de José Celso Martinez Corrêa e as de outros artistas da época. Construindo uma outra nova ambiência cultural, esses artistas foram direta ou indiretamente os interlocutores daqueles que se consagraram como os anfitriões da festa tropicalista.

Acompanhar o movimento dessa linguagem não se resume em recuperar os passos do colunismo oficial no campo da música popular, mas, ao contrário, consiste em resgatar a mistura tropicalista presente nas várias manifestações de caráter experimental, as quais construíram a linguagem da Tropicália. Fundidas à vida, essas produções se realizaram como rituais propiciatórios em que o indivíduo, submetido a exercícios coletivos, experimentou a sua própria revolução pessoal na medida em que se reconheceu nas imagens e nos espaços que vivenciou.

Sem oficializar um ideário, os tropicalistas assumiram sua produção como a aventura de desnudar a precariedade da cultura brasileira, a partir da constatação do convívio desarmônico entre os elementos da indústria cultural e a realidade da nossa tradição. Resistindo à idéia de construir um movimento estético e/ou revolucionário, o grupo não pretendeu criar objetos passíveis de uma historicização, ou mesmo de um confinamento espaço-temporal, já que a eles interessava antes proclamar um outro comportamento. Assim, lançando como festa algo que estava no ar, esses jovens convidaram o público a experimentar, e até mesmo a desconstruir, o produto da Tropicália.

A linguagem tropicalista extrapolou as manifestações que a crítica da época classificou como um movimento de idéias. A revisão dessa linguagem, portanto, deve ser ampla o suficiente para que se acompanhem aqueles que, vivendo sob a crise do pensamento revolucionário na década de sessenta, buscaram, no experimental, a sobrevivência de sua linguagem em meio às contradições da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OITICICA, H. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- OITICICA, H. Brasil Diarréia. *Arte em Revista*, São Paulo, n. 5, p. 43-5, 1981.
- PEDROSA, M. *Mundo, homem, arte em crise*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- TORQUATO NETO. *Os últimos dias de paupéria*. São Paulo: Max Limonad, 1982.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- FAVARETTO, C. F. *Tropicália: alegoria, alegria*. São Paulo: Kairós, s.d.